

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

Marcondes Namblá¹

Professor indígena Laklãnõ e licenciado na Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica/UFSC

Resumo

Este texto é parte da Monografia de Conclusão de Curso defendida na Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica/UFSC. O autor elabora as relações diversas dos Laklãnõ com as águas do rio, e dá ênfase especial às crianças, à formação do corpo e à corporalidade, e às aprendizagens envolvidas nestas práticas realizadas no rio e nas águas. Recuperando uma história da ocupação territorial e dos vários ambientes fluviais que foram cenários dos banhos e das brincadeiras dos Laklãnõ, enfatiza os impactos das mudanças no rio advindas com seu alagamento com a construção da Barragem Norte, sendo uma importante colaboração para o debate dos impactos de grandes empreendimentos nas vidas das crianças indígenas. Este texto é publicado após seu falecimento por assassinato, colocando em tema também a discriminação e as violências sofridas por indígenas ainda no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Laklãnõ; crianças indígenas; impactos socioambientais; Barragem; corporalidade.

Abstract

This text is a part of the Monography defended at the Intercultural Licenciatura of the South Atlantic Forest / UFSC for the conclusion of the formation of the Indigenous researcher. The author elaborates the diverse relations of the Laklãnõ with the waters of the river, giving special emphasis to the children, the formation of the body, corporality and learning processes involved in these practices carried out in the river and in the waters. Recovering the history of the territorial occupation of his People and the various river environments

1 Autor da Monografia "Infância Laklãnõ: ensaio preliminar", disponibilizada em <http://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/Marcondes-Nambla.pdf>. Namblá faleceu assassinado, e uma nota foi emitida pela UFSC em sua homenagem: <http://nepi.ufsc.br/2018/01/03/nota-por-justica-pela-morte-de-marcondes-nambla/>

that were scenarios of the baths and games of the Laklãnõ, emphasizes the impacts of the changes in the river coming with its flooding with the construction of the Barragem Norte, which makes the text an important collaboration for the debate of the impacts in the lives of indigenous children. This text is published after his death by murder, putting also in the subject the discrimination and the violence suffered still by the Indigenous Peoples in contemporary Brazil.

Keywords: Indigenous children; Laklãnõ; corporality; bodiliness; learning processes; socioambiental impacts.

Apresentação

Antonella Tassinari¹

Joziléia Daniza Kaingang²

Suzana Cavalheiro de Jesus³

O instigante artigo que segue, intitulado “O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ” de autoria de Marcondes Namblá, é fruto do seu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina, defendido em 2015. Somos nós a apresentá-lo porque o próprio autor não pode fazê-lo, nem poderá ver seu texto publicado neste dossiê que certamente lhe agradaria ler. Marcondes foi agredido de forma brutal na madrugada do dia 01 de janeiro de 2018, foi hospitalizado e veio a falecer dois dias depois. Foi vítima da violência contra povos indígenas, atacado em uma esquina, sem ter como expressar defesa.

Conhecemos Marcondes através da Licenciatura Intercultural da UFSC, professor Laklãnõ-Xokleng e liderança atuante na Terra Indígena Laklãnõ. Sempre demonstrou profunda preocupação com processos de revitalização da língua Laklãnõ e interessava-se pelos estudos sobre alfabetização, educação infantil e ensino bilíngue. Compunha canções na sua língua materna, divertia os colegas com o violão e participava ativamente dos

- 1 Professora do Departamento de Antropologia da UFSC, orientadora do TCC de Marcondes Namblá, coordenadora da Licenciatura Indígena no período de 2016 e 2017.
- 2 Atual Coordenadora Pedagógica da Licenciatura Indígena da UFSC, antropóloga, pesquisadora e atua na política indígena em especial no tema das mulheres indígenas.
- 3 Antropóloga, foi co-orientadora do TCC de Marcondes Namblá e atualmente é docente da Universidade Federal do Pampa, campus Dom Pedrito.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

debates em sala de aula e no espaço universitário.

Ao longo de sua trajetória na Licenciatura, foi aproximando-se das temáticas discutidas pelas pesquisas antropológicas com foco no cotidiano infantil. Interessou-se pelos estudos sobre corporalidade, noção de pessoa e técnicas corporais e identificou, com muita perspicácia, a relevância do banho de rio como um tema importante para sua pesquisa. Decidiu fazer seu TCC unindo seus estudos sobre a escrita da língua Laklãnõ e a vida das crianças dentro da Terra Indígena. Pontuou, em seu trabalho, que a construção da Barragem Norte, dentro das TI Laklãnõ-Xokleng, dividiu parentelas e reduziu a prática do banho de rio, impactando de forma muito significativa na constituição dos corpos das crianças. Mostrou que os banhos de rio criam espaços de aprendizagens, produção identitária e vida coletiva.

Marcondes elenca brincadeiras que eram desenvolvidas na água, por adultos e crianças, as quais mobilizavam vocabulários específicos. Com isso, mostra o quanto a barragem interferiu no cotidiano das crianças, impedindo não somente que possam banharem-se, mas que venham a fazer efetivo uso social de sua própria língua. Além do espaço ocupado pelo empreendimento, as águas ficam sujas e perigosas e muitos espaços deixam de estar apropriados para o banho. Destaca, como alternativa, a importância de cachoeiras, não impactadas pela barragem, que constituem os refúgios de algumas famílias.

Ao longo do processo de escrita do trabalho de conclusão, assim como no dia em que realizou a defesa pública, destacava que estava fazendo um ensaio preliminar e que necessitava estudar muito sobre a vida das crianças de seu povo. Percebia na pesquisa antropológica uma forma de compreender as relações formadas pela complexa teia crianças-parentesco-ambiente-escola-língua nativa-Estado. Escreveu um TCC com vários trechos na língua laklãnõ-xokleng, inclusive um apêndice com as brincadeiras mais corriqueiras entre as crianças. Desejava que o material bilíngue pudesse subsidiar docentes nas atividades em sala de aula.

Marcondes Namblá foi um dos 40 estudantes indígenas laklãnõ-xokleng a ingressar pelo vestibular específico na Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC, no ano de 2011, juntamente com outros 40 estudantes guarani e 40 estudantes kaingang. Foram quatro anos de muitas disciplinas, em etapas intensivas de aulas na Universidade, participando ativamente de atividades acadêmicas e da vida universitária. Estes estudantes trouxeram para a UFSC uma nova realidade: causaram estranheza com o número de alunos indígenas a ocupar o Restaurante Universitário, a circular com suas crianças pelo campus, a visitar a reserva técnica do Museu Universitário ou a Biblioteca, numa turma de mais de uma

centena de alunos. Aos docentes do curso trouxeram desafios contínuos, ao se reinventar, em rearticular suas pesquisas e metodologias para as aulas, na intenção de discutir conceitos e a ciência ocidental e perceber as aproximações e distanciamentos com as ciências indígenas.

Marcondes cursou a terminalidade Línguas Indígenas, sendo um dos 78 alunos que concluíram o curso em 2015. Conquistou não só o título, mas também o respeito, enquanto pesquisador, com um olhar crítico e refinado, ousou analisar e escrever sobre a incidência do impacto da Barragem Norte na infância e vida Laklãnõ. A qualidade do seu trabalho foi reconhecida em sua participação no III Seminário Infância e Crianças Indígenas, realizado na UFSC em novembro de 2017.

Professor atuante na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, continuou desenvolvendo projetos de revitalização da língua através da música. Eleito para o prestigiado cargo de Juiz da TI Laklãnõ, organizou um encontro visando estreitar laços entre lideranças laklãnõ-xokleng e UFSC, em dezembro de 2017. Nos últimos dias do ano, Marcondes ainda escreveu sobre seus planos de fazer mestrado em Antropologia Social e continuar suas pesquisas sobre infância. Teve projetos, estudos, expectativas e lutas interrompidas de maneira covarde e brutal...

Acalenta-nos ver que seu trabalho está sendo divulgado ao público neste dossiê da R@U. É uma merecida homenagem ao seu trabalho, mas também uma forma de denunciar a violência cotidiana contra os povos originários. Lamentavelmente, o acesso ao Ensino Superior não tem minimizado as situações de vulnerabilidade a que estão submetidos. Pensar um Ensino Superior que não seja constituído apenas de privilégios nos move em busca de uma ciência mais plural e de uma Universidade que possa ser capaz de mudar realidades, de oferecer escolhas, possibilidades e vidas plenas.



Fonte: Intervenção de colegas em homenagem ao autor, realizada a partir de foto do perfil de seu Facebook.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

Marcondes Namblá

Os banhos de rio e a infância Laklãnõ

Ao falarmos em banho de rio, no senso comum, pode-se imaginar simplesmente que é uma prática sem significado qualquer e que não pode ser classificada como esporte, visto que não se segue uma regra e não há competitividade. Essa forma de classificar como esporte as atividades corporais é inadequada no contexto Laklãnõ. Essa questão nos faz buscar uma explicação para o que Tassinari (2014: 163) trata como a tendência dos não-indígenas a separarem tudo o que no contexto indígena acontece em conjunto. Assim, para essa autora,

Ao separarmos de forma tão inequívoca os tempos e espaços do lazer e do trabalho, do sagrado e do profano, da produção e da diversão, da aprendizagem e da prática profissional, temos uma tendência em fragmentar os significados e a importância de práticas corporais indígenas no âmbito de uma ou outra dessas dinâmicas.

É por isso que o ato do banho de rio, para os Laklãnõ ou para qualquer povo indígena, significa um momento de diversão, de lazer, de socialização e principalmente de aprendizagem. Tudo isso acontece de forma conjunta e dinâmica, de maneira que uma criança aprende várias coisas ao mesmo tempo, o que lhe proporciona uma grande riqueza moral e social que levará consigo a vida toda.

Mas o que as crianças indígenas aprendem durante o banho de rio? Eis uma questão que todos devem estar se fazendo ao analisar esta temática. Um dos aspectos fundamentais nessa questão — o qual Tassinari (2007) identifica com a autonomia das crianças indígenas — traduz perfeitamente a realidade do sistema de ensino e aprendizagem entre os Laklãnõ. Esse aspecto é o fato da responsabilidade de ensinar não estar nos ombros dos adultos, mas na própria criança, que aprende vendo o que os adultos fazem, como aprende, por exemplo, o banho de rio ou a nadar. Essa autora conta sobre passou o mês que passou entre os Galibi-Marworno:

Foi também através do assombro dos Galibi-Marworno sobre nosso modo de vida que pude me aproximar de algumas de suas ideias sobre ensinar e aprender, sendo que a mais importante a pontuar aqui é a de que “para uma criança aprender, crescer forte, entrar no ritmo da aldeia, é preciso

soltar” (nas palavras do Cacique Paulo Silva), ou seja, deixá-la solta com os primos e irmãos para brincar na aldeia. Só assim vai “criar o corpo da aldeia” (Tassinari, 2014: 165-166).

Durante o banho de rio, é comum ver adultos e crianças se banhando no mesmo local. Isso acontece porque as crianças não são proibidas de participar da vida cotidiana dos adultos, pois só assim é que conseguirão se tornar definitivamente pessoas Laklãnõ. Tradicionalmente, a prática de banhar-se no rio era um hábito de todos os Laklãnõ. Segundo as pessoas pesquisadas, assim que amanhecia, era costume de todos, antes de qualquer outra coisa, dar um mergulho nas águas geladas do rio. Acreditavam que um banho frio todas as manhãs rejuvenescia a pele e lhes fazia não ficar velhos de forma prematura.

Essa tradição continuou após o *Vãnhkala* e era praticada tanto pelos adultos quanto pelas crianças. Durante o banho de rio, praticavam diversas brincadeiras, das quais pude coletar algumas que apresentarei a seguir, dando a explicação de seus significados. Em alguns casos, usarei o termo em Laklãnõ, pois as brincadeiras tradicionais não têm tradução em português.

Durante o banho de rio, os adultos praticam suas brincadeiras entre eles e as crianças entre elas, pois as crianças não são capazes de competir contra os adultos. Contudo, os adultos têm muito cuidado com as crianças, principalmente quando alguma delas ainda não sabe nadar e, por causa disso, precisa receber atenção dos adultos para evitar um afogamento acidental. Assim, os adultos costumam banhar-se próximo às crianças para não perderem a atenção nelas. Em outros casos, os próprios adultos ensinam as crianças a nadar e também fazem demonstração de algumas práticas corporais para o aprendizado dos pequenos.

As brincadeiras no rio, e o vocabulário associado a elas, são as seguintes:

Blo — Significa o ato de banhar-se no rio. Atualmente usa-se este termo para referir-se ao banho de chuveiro².

Klo — Brincar.

Kózy kónãg — Significa a prática de procurar uma pedra no fundo do rio. Joga-se uma pedra e alguém diz “já” e todos os banhistas mergulham à procura da pedra lançada. Marca ponto o banhista que a encontrar primeiro. Praticava-se

2 O banho de rio vai muito além de um simples ato de higiene pessoal, pois envolve um aprendizado complexo da formação da pessoa Laklãnõ, enquanto que no chuveiro simplesmente acontece a higiene, sem aprendizado algum.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

esta brincadeira para treinar a resistência embaixo da água, pois, no contexto Laklãnõ, ser um bom e resistente mergulhador rendia certo tipo de fama para o banhista.

Vãnh kugmẽg — Pega-pegas no rio ou "pego", como dizem os Laklãnõ nos dias atuais. Escolhe-se um pegador e um *fráio* (local ou objeto no qual não podem ser pegos) e inicia-se a brincadeira. O pegador tenta pegar alguém que mergulha, o que lhe obriga o pegador a mergulhar atrás dessa pessoa. Se o pegar, passa o poder de pegador para ele e a brincadeira segue.

Goj kalãg — Significa o ato de atravessar o rio. Neste caso específico, atravessar a nado. Vários banhistas se desafiam para ver quem chega primeiro à outra margem do rio. Escolhem um local para o salto, e a pessoa que está coordenando o desafio — geralmente quem está fora do desafio — ordena que eles partam e assim começa a luta para chegar ao outro lado do rio. Algumas vezes o desafio é duplo, ou seja, os nadadores devem ir e voltar.

Vãzókágjã — É uma brincadeira que se realiza com uma pessoa que lança as outras do seu ombro. Os que estão sendo lançados devem virar uma pirueta antes de caírem na água. Para isso, o lançador segura as duas mãos da pessoa a ser lançada e se agacha no fundo da água para que a pessoa possa subir em seus ombros, colocando um pé em cada ombro do lançador. Feito isso, o lançador toma impulso e lança a pessoa. Este mesmo tipo de brincadeira também é praticado de cima dos barrancos altos, nos quais os banhistas correm e se arremessam na água, fazendo piruetas antes de cair no rio. Hoje em dia, muitos banhistas Laklãnõ fazem saltos mortais, tanto de costas quanto de frente.

Goj ki pun ge jó — Essa brincadeira é um desafio para saber quem consegue permanecer submerso por mais tempo. Há um coordenador que marca o tempo de cada banhista. Todos os participantes mergulham juntos e quem permanecer por mais tempo embaixo da água marca ponto. Quando alguém marca os pontos combinados previamente, a brincadeira é encerrada.

Goj jãnbe mẽ jym ge — Os banhistas preparam com lama do rio uma espécie de tobogã tradicional Laklãnõ e se deslizam por ele caindo na água. Geralmente os tobogãs são feitos em terrenos inclinados em direção ao rio. Os mais corajosos procuram um barranco alto. A adrenalina é mais forte e é mais emocionante, pois com a velocidade com que o banhista se desliza, ele chega a voar antes de cair no rio.

Kagklo g̃ynh — Essa é uma brincadeira na qual os banhistas se desafiam para ver quem faz mais peixinhos, arremessando pedrinhas chatas sobre a água de forma que elas vão pulando e batendo nas águas até afundar. A cada batidinha que a pedra dá na água, o arremessador conta um ponto. Ganha quem fizer mais peixinhos.

Tradução: *Goj Bág mẽ Klo*³

Blo: Vātx̃y ka āg tō goj bág mẽ blo kég ke jó kabel vā, jāgló nā ũn tóg te li āg tō āg nē jó ki blo kég ke tóg ha to nā, āg tō goj bág mẽ blo kég ke te tovanh mũ;

Kózy Kónāg: Kózy te tō óg goj te ki zun kũ kónāg gég ke jó kabel vā. Kózy te tō goj te ki zun kũ óg, to ũn jāg jā te vũ óg mō “vāha!” kég ke kũ óg gonh te ki pun ge kũ kónāg gég ke mũ. Ũn tō kózy ā ta te ve vén mũ ā ta vũ vānh mō ũ lán gég ke mũ.

Goj ki vānh kugmēg tō klo kabel:

- Ũ tō óg kugmēnh ke ha zāg vén gég ke óg mũ.

- Vel ũn ki óg kugmēg vanh zāg ban gég ke óg mũ.

- Kól kũ óg vāha klo ké ke mũ. Kũ ũ tō óg kugmēg ke te óg du blo ké ke kũ óg ti jo gonh te ki pun gé ke kũ ta óg du ki pun ké ke mũ. Ti tō ũ kagmēg mũ ā ta ha vũ vāha mẽ óg kugmēg gég ke mũ.

Goj ka lāg ge jó: āg glo jó tóg te ki óg ē blo ā ta te kũ goj bág te ka lāg gég ke mũ. Kũ óg zé vātxo vagzun kũ ũ tō goj jógtanh ũ te tá tavi vén mũ te jé óg jógzēn gég ke vā. Kũ ũ tō óg klo te ka óg blé jā tũ ha vũ óg mō tō lēl jā kég ke mũ, kũ óg gonh zyl ũ kónā kũ ki vānhō blé goj te ki lāglāg gég ke mũ.

Goj ki Vāzókágjān: Ũn blo nōdē mũ óg ki ũ vũ óg zun kég ke mũ. Kũ ũ te óg ti jānmōg klē japly kũ ta goj te ki óg zun kũ óg ē tō goj ki vál jobág ki óg vāzókágjān kég ke mũ. Āgglo tó te óg vel goj jān bel ki óg liké keg ke mũ. Kũ óg goj ti zyl tóg ge to ból ka mũ kũ lāglāg kég ke mũ.

Goj jānbe mẽ jym ge: gó kānhglo tō óg goj jānbe to klē kagklél mẽ vin kũ ló mẽ jymjym gég ke mũ.

Kagklo g̃ynh: tóg te ki óg vũ, ũ tō kózy tō kagklo tō goj kle blo tēg hāta li tō ken kég ke mũ. Kũ óg zé jóvig gég ke mũ. Kózy g̃ynh tapél gég kũ óg lēg gég ke kũ ta goj te mẽ txun txun tē ké ke ā ta to óg tō kagklo g̃ynh tan gég ke vā,

Goj ki pun ge jó: Tóg te ki óg vũ, ũ tō goj ki pun ke téj ve jé óg jóvig gég ke vā. Kũ ũ

3 Tradução do autor deste trabalho, com revisão e correção de Namblá Gakran, linguista Laklānō.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

óg tō zāg mū ā ta te há vū óg mō tō lēl jā kég ke mū. Kū óg vājō blé goj te ki pun gég ke mū. Ũ tō ũn te óg pate goj te klām nē téj mū ā ta vū vānh mō lán gég ke mū. Kū óg, ē tō vānhklē tō klōg ge kan ā ta te kū óg ē klo te kógtām kég ke mū.

Seguem algumas imagens das brincadeiras no rio:



Figura 1: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 2: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 3: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 4: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 5: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 6: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 7: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.



Figura 8: Brincadeiras no rio.

Fonte: Fotografia de Marcondes Namblá, 2013.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãõ

Essas são algumas das brincadeiras praticadas pelos Laklãõ durante o seu banho de rio. É bom ressaltar que todas as brincadeiras aqui citadas são praticadas por todos os banhistas, independentemente de idade ou gênero. O que diferencia as competições é que os adultos disputam entre si e crianças entre crianças. As mulheres não são separadas dos homens na prática dessas brincadeiras e as praticam conjuntamente com eles.

Nesse contexto, é preciso destacar também que o modo tradicional do banho de rio sofreu algumas alterações após a construção da Barragem Norte. Um dos principais efeitos gerais sofridos pelo povo Laklãõ que afetou na prática do tema em questão foi a divisão de uma única aldeia em várias outras, pois, desde a primeira enchente ocorrida nos anos 80 (cf. Fraga; Simas, 2010), o povo se dispersou do vale para as encostas dos morros, surgindo assim novos povoados, que hoje são todas aldeias, num total de oito.

Essa saída para outras regiões da TI gerou a divisão coletiva do povo entre si e conseqüentemente a divisão política, o que desestruturou o sistema de organização social tradicional Laklãõ. Então os prejuízos não foram unicamente ambientais como se pensa. A Barragem Norte causou um impacto **socioambiental**. Esse termo talvez dê conta de interpretar o sentimento que os Laklãõ hoje têm ao se referirem a esse empreendimento tão importante para a sobrevivência da população do Vale do Itajaí.

Segundo Fraga e Simas (2010: 11):

A década de 1970 seria marcada por modificações profundas na vida do aldeamento. A construção da Barragem Norte colocaria as terras aráveis, a madeira das margens do rio e as benfeitorias em condições de alagamentos, gerando numerosos conflitos entre índios e madeireiros. Tal processo causou um enorme desgaste econômico, político, ambiental e social, inserindo a comunidade indígena num alto contexto de tensões, que passou pelos anos de 1980, 1990, 2000 e continuarão por muitas décadas, ainda, neste século, até que se encontre uma solução definitiva para os problemas inerentes aos índios de José Boiteux – a pobreza a que foram introduzidos e sua dependência em relação à sociedade regional –, mas, e acima de tudo, até ser possível evitar a irracional exploração das riquezas naturais da Reserva.

Pontuando a dimensão da barragem, estes autores destacam:

A Barragem Norte está localizada a 12 km a montante da cidade de José Boiteux. Sua bacia hidrográfica controla uma área de 2.318,00 km². Tal obra de engenharia é considerada a maior barragem brasileira com finalidade de contenção de cheias (Fraga; Simas, 2010: 5).

Após a construção da barragem, o que se pode ver até os dias atuais é que, nos anos iniciais após sua construção, o nível do rio aumentou significativamente, tornando as águas que antes eram límpidas em águas turvas, barrentas e impróprias para o banho. Conforme o tempo foi passando, o que mais aconteceu é que todo o rio criou lodo, o que deixou as águas com um cheiro desagradável e afastou por muitos anos os banhistas, que não se interessavam mais pelo banho de rio. Isso fez surgir uma geração que desconhece a arte de nadar e de praticar as brincadeiras de rio que praticavam as gerações anteriores.

Os barrancos, que antes da barragem eram muito apreciados pelos Laklãnõ, agora se encheram de lama, o que os deixou sem condições de serem utilizados. Além disso, a mata ciliar, que era imprescindível para o ciclo de vida no rio, hoje se encontra toda desvitalizada, o que gera uma grande quantidade de entulhos na época de cheias e também contribuiu para o desaparecimento de muitas espécies de peixes. Esse é o caso do cascudo, que vive em lugares pedregosos e nos dias atuais se encontra só abaixo do eixo da barragem, porém em pouca quantidade.

Os Laklãnõ e seus locais de banho de rio antes e após a construção da Barragem Norte

O Rio Hercílio ou Itajaí do Norte é o principal afluente da margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, que é formado pela confluência dos rios Itajaí do Oeste e Itajaí do Sul na cidade de Rio do Sul, 12 km a montante da cidade de José Boiteux (FRAGA; SIMAS, 2010). Suas águas de cor escura remetem muito à paisagem local, que é formada pela floresta ombrófila densa que caracteriza a floresta atlântica. O seu leito atravessa a TI de norte a sul, atualmente passando pelas aldeias Coqueiro, Figueira e Palmeirinha, que ficam à sua margem esquerda. Já as aldeias Toldo, Sede e Pavão ficam à margem direita. Há ainda a aldeia Bugio, que se situa a 60 km da margem direita do Hercílio, numa região de planalto, e a aldeia Barragem, criada em setembro de 2010, situada basicamente no antigo canteiro de obras da Barragem Norte e cujo perímetro abrange as terras indenizadas pela construção da barragem e que foram doadas para usufruto da comunidade indígena Laklãnõ através de um convênio assinado pelo extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pela comunidade indígena no ano de 1981.

Para entendermos um pouco mais a respeito da temática aqui abordada, devemos mergulhar um pouco na história do povo Laklãnõ. Em relação à sua organização social tradicional, podemos dizer que os Laklãnõ se estruturavam em grupos exogâmicos que se identificavam por nomes pessoais e pinturas corporais e que, após o *Vãnhkala*, passaram

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

por uma série de arranjos e para uma quase que total dependência da sociedade regional.

Segundo Goulart e Fraga (2000) (*apud* Fraga; Simas, 2010: 10):

Depois dos dramáticos acontecimentos da pacificação, representando uma dolorosa fase de adaptação dos Xokleng à sociedade regional e às agências governamentais, o papel de Hoerhann passou a ser o de forçar os índios a assimilar os elementos culturais da civilização europeia e evitar a contaminação por doenças; isso, porém, não ocorreu. Um dos maiores impactos sofridos pelos Xokleng no contato com os não-índios foram as doenças que estes lhes transmitiam.

Esses autores mencionam muito bem as consequências dramáticas ocorridas para o povo Laklãnõ após o *Vãnhkala*, e isso apenas foi o início da tragédia cultural que continuaria anos mais tarde com a construção da Barragem Norte. Dentre outros marcos deixados pela Barragem Norte na cultura Laklãnõ, citamos também o envolvimento de trabalhadores não-índigenas da barragem com os Laklãnõ, o que deu abertura ao que alguns Laklãnõ denominam de miscigenação e fez surgir uma nova classe de Laklãnõ, se é que podem ser assim considerados. Surgem então os *mestiços*, como bem dizem os meus interlocutores Laklãnõ quando se referem aos descendentes de casamentos entre Laklãnõ e não-índigenas.

Embora essa prática tenha sido implantada entre os Laklãnõ por *Katagãl*⁴ anos após o *Vãnhkala*, o qual proporcionou o casamento entre um índio e uma descendente de imigrantes italianos em Ibirama, durante a construção da Barragem Norte essa prática tornou-se livre entre o povo. Em muitos casos os pais preferiam que a filha moça se casasse com um *branco* a que se casasse com alguém de sua própria cultura. Isso demonstra que o povo Laklãnõ, assim como todos os povos indígenas do Brasil, sofreu na pele a política governamentista de *integração* das populações indígenas à comunhão nacional.

E, no mundo das crianças Laklãnõ, o que aconteceu com a construção da Barragem Norte? Bem, se olharmos para vários aspectos da infância Laklãnõ, veremos que as crianças sofreram as mesmas consequências que os pais e mesmo mais. Uma vez que, tradicionalmente, o povo Laklãnõ se constituía numa coletividade social, na qual tudo era dividido entre todo o grupo, os alimentos, as casas e as lavouras eram do coletivo e não havia qualquer forma de opressão causada pela lógica do progresso, as crianças, também, além de dividirem o alimento, dividiam os mesmos espaços e territórios para as suas brincadeiras e, o que é mais importante, dividiam também a aprendizagem e vivência no

4 *Katagãl* era o nome pelo qual os Laklãnõ chamavam Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, funcionário do SPI responsável pelo primeiro contato pacífico com os Laklãnõ em 22 de setembro de 1914.

mundo tradicional em que estavam inseridas. Com a chegada da barragem e da divisão estrutural do povo devido à enchente do rio, as crianças tiveram que se afastar uma das outras para seguirem os pais. Essa foi uma mudança mais que radical, pois eles deixaram de estar juntos dividindo os mesmos espaços e territórios.

Já falei do contexto tradicional de brincar e da prática do banho de rio, falei sobre a Barragem Norte e as consequências que ela causou para a população Laklãnõ e principalmente a respeito de como essa imensa obra de engenharia afetou a forma da prática do banho de rio, principalmente através da poluição das águas e da divisão do povo. Agora vou falar dos locais onde se praticava e onde atualmente se pratica o banho de rio.

Durante os anos iniciais do *Vãnhkala*, a prática do banho de rio se realizava em dois pontos principais da TI. O primeiro ponto ficava em frente da casa de *Katagãl*, como podemos tentar imaginar através da foto abaixo, de fonte desconhecida⁵.



Figura 9: TI Laklãnõ depois do *Vãnhkala*.

Fonte: desconhecida.

Como se vê na imagem, há uma torre no fundo da foto bem próxima da margem do rio. Esse era o local, naquela região, segundo me foi informado, em que as crianças praticavam o banho de rio, uma vez que seus pais trabalhavam na lavoura do outro lado do rio. Quando digo que havia dois pontos principais para o banho de rio é porque o leito do Rio Hercílio era raso em vários pontos, e por isso se procurava um ponto com mais

5 Esta foto foi enviada para mim por Rafael Casanova Hoerhan e por isso desconheço a fonte.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ

profundidade para o banho.

O segundo ponto mais utilizado para o banho de rio ficava de frente à primeira sede do Posto Indígena Duque de Caxias, atual aldeia Sede, por se tratar do centro do Posto e também porque a grande maioria dos Laklãnõ morava naquelas proximidades. Anos mais tarde, foi construído um campo de futebol e os jovens que praticavam o futebol banhavam-se lá nos finais de semana.

Pouco tempo depois, mais precisamente nas décadas de 1970 e 1980, antes do rio encher por conta da Barragem Norte, a Prainha começou a ser frequentada. Prainha era o nome que foi dado a um local que fica a uns 200 metros acima da primeira sede do posto, à margem esquerda do Rio Hercílio. Consistia numa área formada de pedrinhas e cascalhos finos que dava uma aparência de praia. O local foi inundado pela cheia do lago da Barragem Norte. Esse foi um dos locais mais frequentados durante aqueles anos, tanto por crianças, quanto pelos adultos, inclusive por não-indígenas da região e peões da obra da barragem. Esse lugar foi o local de muitos encontros das jovens Laklãnõ com os brancos, dos quais surgiram alguns casamentos e alguns casos de gravidez não assumida pelos pais.

Fiz algumas buscas na tentativa de encontrar alguma imagem da Prainha, mas até o presente momento não consegui porque o tempo também não o permitiu. Algumas pessoas me disseram que, se eu fosse com mais tempo, juntamente comigo pegariam suas coisas e procuraríamos suas fotos antigas, já que possivelmente poderíamos encontrar imagens da década de 80 desse famoso lugar, e também da antiga sede.

A Barragem Norte foi concluída no ano de 1989 e inaugurada no ano seguinte (Fraga; Simas, 2010). Como até aquele momento o convênio de 1981 não havia sido cumprido pelo DNOS, os líderes Laklãnõ resolveram invadir o canteiro de obras da barragem para pressionar o governo federal a cumprir o prometido. De março de 1990 a maio de 1992, os Laklãnõ ocuparam o canteiro e só aceitaram sair, para que a empresa construtora pudesse ter acesso a seus maquinários, que havia sido interdito pelos indígenas, porque o DNOS decidiu pagar uma parte da indenização em dinheiro e também assinou um novo documento chamado Protocolo de Intenções, no qual foram reafirmadas as benfeitorias em prol dos Laklãnõ, previstas no convênio de 1981.

Com a greve em ebulição, os jovens e as crianças tiveram que se adaptar à nova moradia e à sua nova realidade e território. Durante a greve, que para os Laklãnõ significa o movimento organizado em defesa de seus direitos, os jovens recriaram a prática do banho de rio, utilizando o local que chamavam de motor. Esse nome se deve ao fato de que a bomba de captação de água para as famílias do canteiro de obras ficava no mesmo local,

ao lado do barranco do qual os banhistas pulavam durante o banho.

Após a saída do canteiro de obras da Barragem Norte, mais precisamente no ano de 1993, os Laklãnõ praticavam o banho de rio em diversos pontos da TI. Contudo, não eram lugares específicos como a Prainha, por exemplo. No ano de 1996, ocorreu a retomada das terras onde atualmente se localiza a aldeia Palmeirinha e como no princípio do movimento a comunidade se acampou em barracos à beira do Rio Hercílio, a prática de banho de rio tornou-se comum. O local escolhido era chamado de porto da *Juklug*, nome de uma senhora que mora naquela região até os dias de hoje.

Atualmente os moradores da aldeia Barragem praticam o banho de rio nas proximidades da ponte velha, conforme é possível ver nas fotos a seguir. Nesse local, várias crianças, jovens e adultos se reúnem nos finais de semana para curtir as águas geladas do Rio Hercílio.



Figura 10: Banho de rio nas proximidades da ponte velha.

Fonte: Fotografia de Marcondes Nambla, 2013.



Figura 11: Banho de rio nas proximidades da ponte velha.

Fonte: Fotografia de Marcondes Nambla, 2013.

O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãõ



Figura 13: Banho de rio nas proximidades da ponte velha.

Fonte: Fotografia de Marcondes Nambla, 2013.

Como relatado anteriormente, *blo*, banhar-se, hoje também é um termo usado para o banho de chuveiro. Essa parte do banho de rio, que trata da higiene, hoje pode ser feita em cada casa, não envolve mais a brincadeira e a aprendizagem coletiva. Já o *klo*, a brincadeira, continua sendo realizada normalmente pelas crianças em dias de banho de rio.

Os banhistas de outras aldeias encontraram nas cachoeiras os lugares perfeitos para saciar a vontade de se banhar. Nos dias de verão, as duas cachoeiras mais famosas da TI recebem vários banhistas nos finais de semana. Tem a Cachoeira Esmeralda, do Rio Platê, afluente do Rio Hercílio, situada na aldeia Sede, e a Cachoeira do Veado, na aldeia Pavão. Podemos ver a Cachoeira Esmeralda na figura abaixo:





Figura 14: Cachoeira Esmeralda, na aldeia Sede.

Fonte: Fotografias de Eber Ricardo Kaipã Ndili⁶, 2011.

A seguir, apresento imagens de banhistas na Cachoeira do Veado, situada na aldeia Pavão, local onde banhistas de toda a TI se encontram nos finais de semana, da mesma forma que acontece na Cachoeira Esmeralda da aldeia Sede. São dois lugares estratégicos nos dias quentes para fugir do intenso calor do verão.



6 Sobrinho meu e morador da aldeia Palmeirinha da TI Laklãnõ.



Figura 15: Cachoeira do Veado, na aldeia Pavão.

Fonte: Fotografias de Idalina Priprá, 2013.

Segue uma única imagem que mostra ao leitor que na aldeia Sede também existe outra cachoeira com o nome de Cachoeira do Encontro, mas que é pouco visitada pelos banhistas Laklãõ pelo fato dela ficar em meio à mata fechada, o que torna suas águas muito geladas e afasta os banhistas. Apenas alguns jovens corajosos se embrenham na mata para curtir essa beleza natural, como podemos ver abaixo:



Figura 16: Cachoeira do Encontro.

Fonte: Fotografia de Eber Ricardo Kaipã Ndili, 2013.

A prática do banho de rio é a principal atividade corporal praticada pelos Laklãõ e é muito importante, pois engloba aprendizagem, diversão e a produção de um corpo saudável. O que me deixa triste é saber que as águas do Rio Hercílio, que outrora, gostosas e límpidas, abrigavam os corpos dos banhistas Laklãõ, hoje se encontram sujas e poluídas e estão perdendo sua importância para a prática do banho devido à Barragem Norte, que

levou consigo uma prática milenar desse povo, o qual busca hoje satisfazer sua vontade de se banhar nas geladas cachoeiras. Não digo que seja ruim banhar-se numa cachoeira, mas no rio havia mais espaço para a prática das diversas brincadeiras que fazem parte do banho de rio.

Referências

- GAKRAN, Nanblá. 2005. *Aspectos morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) Jê*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000373009&fd=y>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- HENRY, Jules. 1935. "A Kangang Text". In: *International Journal of American Linguistics*, v. 8, n. 3-4: 172-218.
- HOFFMANN, Kaio D. 2011. *Música, mito e parentesco: uma etnografia Xokleng*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95546/289169.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- FRAGA, Nilson C.; SIMAS, Fernando A. de O. 2010. "O impacto socioambiental e cultural da construção da Barragem Norte, em José Boiteux (SC) sobre a reserva indígena Xokleng", In: *III Encontro Latino-americano de Ciências Sociais e Barragens, 2010, Belém. Anais. Belém*.
- LAKLÃNÕ, Povo. 1983. "Regimento Interno: Portaria Vigente Nº 001, da política interna da Terra Indígena Laklãnõ". In: *Assembleia Geral de Líderes do Povo Xokleng*. (Publicada em 03/10/1996 – Revisada em 01/05/2002).
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1982. *A Vida Sexual dos Selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SANTOS, Sílvio C. Dos. 1973. *Índios e Brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Edeme.
- SANTOS, Sílvio C. Dos. 1997. *Os índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI.
- TASSINARI, Antonella M. I. 2007. *Concepções Indígenas de Infância no Brasil*. Tellus, Campo Grande, v. 7, n. 13, p. 11-25.
- URBAN, Greg. 1985. "The Semiotics of two Speech Styles in Shokleng". In: MERTZ, Elizabeth; PERMENTIER, Richard J. (Eds.). *Semiotic Mediation: Sociocultural and Psychological Perspectives*. Nova Iorque: Academic Press.

Convite da organizadora do dossiê, recebido em 18 de março de 2019.